

COOPERATIVAS DE RECICLAGEM E A VULNERABILIDADE: um relato de caso

Ana Gabriela Bernegozze Monteschio¹

Rute Grossi-Milani²

Edneia Aparecida de Souza Paccola³

Promoção da saúde

Resumo

O aumento na geração de resíduos sólidos urbanos ocasionou a inúmeras questões socioambientais e na tentativa de solucionar, as cooperativas de reciclagem possuem um papel importante. Tendo isso em vista, este trabalho teve como objetivo relatar a experiência do funcionamento de cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos e as condições de trabalho e vulnerabilidade. Para isso, foram realizadas observações *in loco* em duas cooperativas localizadas no Estado do Paraná, durante o período de três meses. Posteriormente foram realizadas intervenções com os cooperados. Durante as observações ficou evidente a vulnerabilidade social acometida pelos cooperados, bem como a falta de equipamentos de proteção individual (EPI) para o exercício das atividades. Com isso, conclui-se que os associados são acometidos por inúmeras faltas, tanto economicamente quanto social, afetando a qualidade de vida e bem-estar.

Palavras-chave: Resíduos Sólidos; Ambiente de trabalho; Catadores.

Orientação: 1º- Unicesumar; 2º- Programa de Pós-graduação em Tecnologias Limpas (PPGTL, Unicesumar) e 3º- edneia.paccola@unicesumar.edu.br.

¹ Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Tecnologias Limpas (PPGTL, Unicesumar), agmonteschio@gmail.com.

² Prof. Dra em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo (USP). Psicóloga, Docente dos Programas de Pós-graduação em Tecnologias Limpas (PPGTL, Unicesumar) e Promoção da Saúde (PPGPS, Unicesumar). Campus Maringá – Paraná, rute.milani@unicesumar.edu.br

³ Prof. Dr. em Ciências Agrárias pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bióloga. Departamento do Programa de Pós-graduação em Tecnologias Limpas (PPGTL, Unicesumar). Campus Maringá - Paraná, edneia.paccola@unicesumar.edu.br

INTRODUÇÃO

A geração de resíduos sólidos urbanos (RSU) tem aumentado nos últimos tempos. Em 2010, foram recolhidos 60,8 milhões de toneladas, já em 2017, o montante foi de 78,4 milhões de toneladas (ABRELPE, 2017). O que acarreta muitas vezes ao acúmulo e problemas de saúde pública.

Na tentativa de solucionar essa questão, o reaproveitamento dos resíduos sólidos é uma alternativa válida, tanto do ponto de vista ambiental, como econômico, gerando empregos para população (CALDERONI, 2003).

Tendo isso em vista, foi implementado a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que incentiva a criação de cooperativas de reciclagem nos municípios brasileiros, formado por pessoas de baixa renda (BRASIL, 2010).

Dessa forma a atividade de separação de materiais recicláveis é de extrema importância para a implementação da reciclagem, porém esta profissão é desvalorizada e sofre, na maioria das vezes, a falta de apoio e incentivo psicossocial, o que reflete na sobrevivência destes (CASTILHOS-JUNIOR et al., 2013).

Com isso, objetiva-se com esse trabalho relatar a experiência do funcionamento de duas cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos e as condições de trabalho perante a COVID-19.

METODOLOGIA

Para o estudo, foram realizadas observações *in loco* em duas cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos localizadas no Estado do Paraná, durante o período de três meses, entre março a junho de 2020. Posteriormente foram realizadas intervenções com doações de máscaras e cestas básicas para os trabalhadores, bem como, informações acerca das formas de contágio do vírus.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A rotina de trabalho dos cooperados é de segunda à sábado das 08:00 horas da manhã às 16:00 horas da tarde. Em casos de acúmulo de resíduos no pátio, também trabalham aos domingos. Estes permanecem de pé durante toda a jornada de trabalho, alguns próximos a esteira onde o material é espalhado, facilitando a separação, outros na prensa e na organização para a venda. O trabalho é braçal, depois da prensa, os trabalhadores carregam nos braços o resíduo para o armazenamento e posteriormente comercialização.

Para exercer a função, é recomendado e necessário o uso de equipamento de proteção individual (EPI), como luvas, proteção ocular, capacete e máscaras, porém não são todos que fazem o uso. Alguns trabalhadores alegam que as máscaras atrapalham e que o local é muito quente para o uso, pois não há ventilação nos barracões e também há falta de EPI para todos.

Neste sentido, diversos autores confirmam que na atividade de triagem, os trabalhadores não utilizam os equipamentos de proteção individual, e que existe uma dificuldade ao acesso e reposição destes no ambiente de trabalho (HOEFEL et al., 2013; SANTOS; SILVA, 2009; SHIBATA et al., 2015).

No início das observações *in loco*, os cooperados demonstraram-se receptivos e acolhedores com a presença da pesquisadora, o que mudou em tempos de pandemia, expressando-se com rispidez. Indagado o motivo, os cooperados informaram que as cooperativas iriam encerrar as atividades por um breve período e que estavam preocupados com a saúde e sustento de seus familiares, bem como a propagação do vírus e sua forma de contágio. Com o crescimento de casos na região, houve a suspensão integral da jornada de trabalho, e o resíduo que antes era separado todo dia, precisou ser mantido em quarentena, permanecendo 72 horas sem qualquer manipulação. Não obstante, com o material em isolamento, sobram poucos dias para a triagem, e conseqüentemente, a baixa do número total de resíduos para a venda, pois o ambiente de trabalho é pequeno para o armazenamento destes.

Desse modo, além de precisarem lidar com a diminuição da jornada de trabalho, a redução dos salários também é um agravante, impactando na qualidade de vida e bem estar dos cooperados, pois o salário é fruto da triagem e do rateio dos lucros. Segundo Medeiro

e Macêdo (2006), o trabalho dos cooperados é informal, ou seja, não há garantias de vínculo empregatício e direitos trabalhistas e que esta situação acarreta a preocupação e sofrimento destes trabalhadores.

Tendo em vista a preocupação com sustento das famílias e a dificuldade de adquirir EPI, realizou-se uma ação social com os trabalhadores, tendo como objetivo esclarecer a forma de transmissão e contágio do vírus, como se proteger no ambiente de trabalho e também a distribuição de máscaras de proteção e cestas básicas, como demonstram as imagens abaixo.

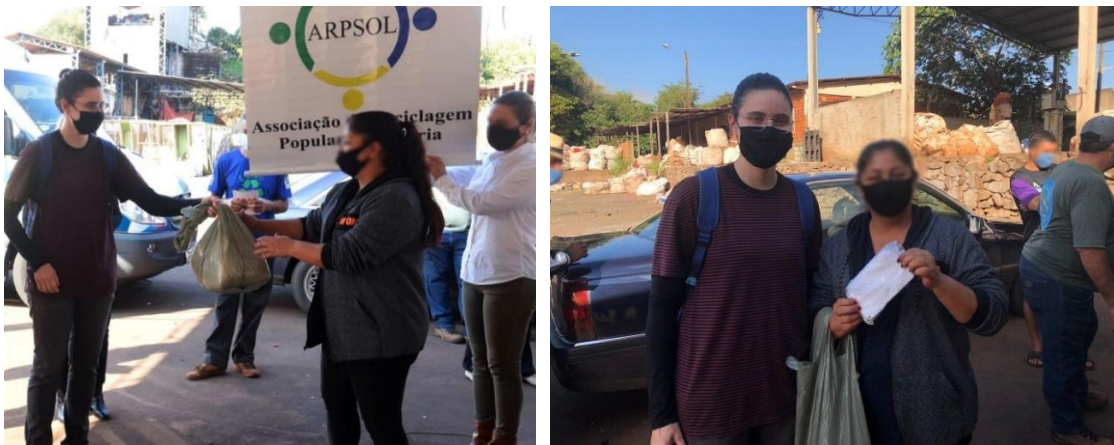


Figura 1 e 2: entrega das máscaras.

Fonte: Autores, 2020.



Figura 3 e 4: entrega das cestas básicas para os associados.

Fonte: Autores, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a problemática dos resíduos sólidos, bem como a realidade das cooperativas de reciclagem, foi possível observar que os associados são acometidos por inúmeras faltas, tanto economicamente quanto social, afetando a sua qualidade de vida e bem-estar.

A GRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI).

R REFERÊNCIAS

- ABRELPE, A. B. de E. de L. P. e R. E. Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2017. [s. l.], p. 73, 2018. Disponível em: <http://abrelpe.org.br/pdfs/panorama/panorama_abrelpe_2017.pdf>
- BRASIL. Brasil nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Instituições PNRS2010, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11445>
- CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. 3ª edição ed. São Paulo: Humanitas, 2003.
- CASTILHOS-JUNIOR, A. B. De et al. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 18, n. 11, p. 3115–3124, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001100002&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/csc/v18n11/02.pdf>
- HOEFEL, M. da G. et al. Acidentes de trabalho e condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis no lixão do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 774–785, 2013.
- MEDEIROS, L. F. R. De; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: Uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia e Sociedade**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 62–71, 2006.
- SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. Da. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Revista mal-estar e subjetividade**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 689–716, 2009.
- SHIBATA, T. et al. Life in a landfill slum, children's health, and the Millennium Development Goals. **Science of the Total Environment**, [s. l.], v. 536, p. 408–418, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.scitotenv.2015.05.137>>